

# AS GUERREIRAS DA MAREÉS

CATHERINE  
DOYLE

Tradução  
THALES FONSECA

Rocco:  
DIGITAL

## PRÓLOGO

**E**m uma gélida manhã de inverno, nas águas de uma ilha praticamente esquecida, uma *merrow* nadava, distante de seu lar. A névoa pairava como um véu sobre o mar, se agarrando à sua pele no momento em que ela subiu à superfície. Primeiro, uma coroa de corais e ossos, e então olhos amarelos, redondos como a lua. Uma cicatriz pálida delineava seu maxilar.

Ela interrompeu o nado.

Havia um menino parado na beira do mar. Ela sentiu o cheiro de sal marinho em seu sangue.

Passou a língua nos lábios.

*Guardião da Tempestade.*

Ela lembrava.

O menino estava de olhos fechados, sua respiração rápida expelida do corpo como um rastro de nuvens. Ele esticou o braço e mexeu os dedos sobre a água. Por um instante, congelou totalmente. Então, seu corpo soluçou com violência, como se algo dentro dele tentasse sair aos socos. Abriu os olhos de repente, o medo estampado em sua testa franzida.

*Magia.*

A *merrow* se aproximou. O sol ascendia no céu da cor do marfim, e em breve a ilha estaria abarrotada de gente na orla, motores engasgando e vitrines acendendo como lampiões. Ela não deveria estar ali, na costa... tão perto da voz que vinha sussurrando em seu ouvido das profundezas. Mesmo assim, viera, para ver de perto o menino que havia despertado Morrigan de seu sono eterno.

Depois de tantos anos, ele finalmente estava ali.

— Funciona! — reclamou o menino quando um choque saiu das pontas dos seus dedos. — Funciona, idiota!

Ele chutou um amontoado de algas para dentro da água.

*Magia aprisionada.*

A *merrow* franziu a testa. O tempo estava se esgotando. Ela sentiu a escuridão se mobilizando sob o horizonte, ganhando volume, como se fosse um mar com vida própria abrindo caminho pelo mundo. Na direção da ilha. Na direção do menino. *Daquele* menino.

*Que estupidez de Dagda. Ele será a ruína de todos nós.*

O menino apanhou uma pedra e a arremessou no ar. A *merrow* acompanhou o arco com os olhos, seus lábios se torcendo quando a pedra caiu, com um *ploft*, ao seu lado.

Um batimento. Dois batimentos. Finalmente, ele despertou. Começou a correr na direção dela, a água batendo em sua canela, em seus joelhos, até chegar à cintura.

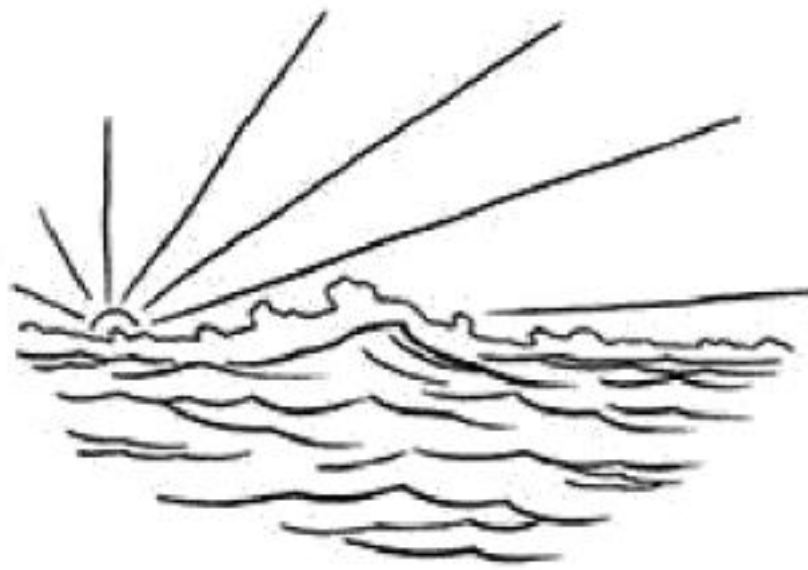
A *merrow* hesitou por um instante, antes de recuperar o juízo. Mergulhou sob a primeira onda, sua cauda desaparecendo em meio a um brilho de prata oxidada.

*Agora não*, pensou ela, se lançando como um arpão para o fundo do mar. *Ainda não.*

Suas guerreiras estavam subordinadas a outro.

Elas teriam de esperar. Pela ruína, ou pela Invocadora da Maré.

O que viesse primeiro.



## CAPÍTULO UM

# A CONTAGEM REGRESSIVA

**E** sparramado em um velho sofá surrado, Fionn Boyle tentou gritar para acordar. Em algum lugar de seu subconsciente ele sabia que estava sonhando, mas não era capaz de abrir os olhos. Só conseguia ouvir a voz melódica que vinha habitando a sua mente. Ela sibilava como uma serpente e se enterrava cada vez mais fundo no cérebro.

*Tique-taque, sussurrou a voz. Está me ouvindo, pequeno Boyle?*

Morrigan estava nítida em sua mente. Aquele sorriso cínico, largo demais para o rosto anguloso.

*Tique-taque, o ruir do despenhadeiro.*

*Três dias, atenção para o ponteiro.*

Ela deu uma gargalhada, e uma sombra foi deslizando na direção dele, os dedos se esticando no breu da sua mente. *Tique-taque, tique-taque, tique-taque...* As palavras eram cada vez mais frenéticas, cada vez mais agudas, até a risada se transformar em um grito. **TIQUE-TAQUE, TIQUE-TAQUE, TIQUE-TAQUE.**

*Fica longe de mim!* Fionn tentou gritar, mas as palavras saíram da sua garganta em borbulhas.

O corpo do menino girava como um tornado, seus braços se

debatendo cegamente enquanto ele lutava para voltar à consciência. O sofá rangia sob o seu peso, as molas enferrujadas reclamando do esforço. *Socorro! Ela vai arrancar meus olhos! Por favor...*

*Plaft!*

Fionn despertou no susto com algo frio e pegajoso em seu nariz.

Deu uma fungada. Era...?

— Presunto — disse uma voz familiar. — Panado.

Fionn descolou a fatia do rosto.

O avô estava olhando para ele, seus olhos azuis brilhando na luz da alvorada.

— Acho que você estava redemoinhando de novo. — Em uma das mãos, ele carregava uma pequena bandeja de presunto fatiado, e na outra um pedaço de queijo laranja. — Pensei que o presunto era a opção mais caridosa.

Fionn tirou o cabelo emaranhado da frente dos olhos. Um punho caloroso e familiar aquecia o seu peito, as juntas pressionando o seu tórax como se o estivesse cumprimentando. A magia do Guardião da Tempestade estava desperta, assim como ele.

Fionn suspirou.

— Você não podia só ter chamado o meu nome, feito uma pessoa normal?

— E desde quando eu sou normal? — respondeu o avô, mordiscando uma pontinha do queijo. — Além do mais, chamei o seu nome oito vezes. Cutuquei você três vezes e te sacudi pelos ombros precisamente uma vez. Logicamente, a medida seguinte...

— Era o presunto — completou Fionn, se arrastando pelo sofá até ficar sentado e deixando a maldita fatia de presunto no apoio de braço.

— Infelizmente, rapaz. — O avô o observou atentamente, erguendo as sobrancelhas acima do aro grosso dos óculos. — De novo a mesma coisa?

— Tique-taque — disse Fionn, balançando a cabeça desalentado. — A contagem regressiva continua.

Morrigan habitava a sua mente fazia alguns meses, mas havia duas semanas que seus sonhos tinham adquirido uma nova urgência. A voz, antes desencarnada e distante, passou a se manifestar com uma contagem regressiva, com mãos e dedos que tentavam agarrá-lo, e lábios

pálidos próximos demais de seu ouvido. Ela vinha ficando mais forte, mais atordoante.

— A contagem regressiva é um pouco preocupante — disse o avô.

Uma brisa entrou por baixo da janela e envolveu o sofá. Fionn puxou o cobertor para perto. No mês anterior o inverno tinha tomado conta da ilha, costurando-se ao vento e gemendo por entre as rachaduras nas paredes. Os vidros das janelas viviam cobertos com cristais de gelo, e, às vezes, de madrugada, quando Fionn acordava ofegante, ele podia ver sua respiração pairando como fumaça na escuridão.

— Por que você não vai se deitar no meu quarto, rapaz? — sugeriu o avô. — A energia lá é benevolente e agradável. E ainda tem um aquecedor que é de cair o queixo.

— Agora eu já acordei mesmo — disse Fionn, esticando os braços acima da cabeça e girando o pescoço até ele estalar.

No verão, ele havia cedido sua cama de solteiro para a mãe, insistindo em ficar no sofá doado por Donal, o lojista. O móvel parecia ter sido exumado de uma casa mal-assombrada e exalava um cheiro agonizante. Tinha um rangido terrível à noite e fazia a pequena sala de estar parecer ainda menor do que já era, mas Fionn sabia que não importava onde ele dormisse, Morrigan iria achá-lo de qualquer modo.

— Que horas são? — perguntou ele, após se levantar rapidamente.

— Horas? — O avô já estava voltando para a cozinha. — Você sabe muito bem que eu não sigo esses conceitos arbitrários de tempo.

*Tempo.*

Fionn andou até a vela que tremeluzia na cornija da lareira, a única chama acesa em um cômodo repleto de velas. A cera estava a cada dia mais rasa, mais parecendo uma poça leitosa de azul do que uma vela. Obviamente, não era só uma vela, para começo de conversa. Era a essência de seu avô, todas as suas memórias reunidas em um composto mágico, feito de sangue e mar, queimando noite e dia rumo ao seu fim.

*Tempo.* O de seu avô parecia estar contado.

Lembrar-se disso deixou Fionn enjoado. Ultimamente, parecia que tudo estava fora de seu controle. Conforme as noites passavam e Morrigan se aproximava dos dias da sua eminência, ele só conseguia se imaginar como o condutor de um trem desgovernado. Sentia a escuridão começar a envolvê-lo, a contagem regressiva da feiticeira acompanhando

o ritmo de seu pulso. Algo iria acontecer. Em breve.

*Ela despertará quando o garoto retornar*, dissera Ivan, com muito entusiasmo. *Ela ascenderá quando o Guardiã da Tempestade sangrar por ela.*

Fionn não sangrava por Morrigan desde o dia em que ela havia despertado, mas também não tivera sucesso em adormecê-la de novo. A jornada até a Caverna do Mar durante o verão ainda o assombrava. Tinha chegado tão perto de perder a irmã, e então de se afogar sozinho naquela escuridão sem fim, com Morrigan gargalhando em seu ouvido. Aquela lembrança era dura, machucava, e, muitas vezes, quando sua mente divagava, ele percebia a lembrança sufocando o seu peito.

— Sanduíche? — perguntou o avô de dentro da cozinha. — Podemos dividir o presunto, mas o resto da mostarda é meu, sinto muito. É integral. E francesa. Très cara.

— Não, valeu.

Fionn olhou fixamente para a pequena chama na cornija da lareira. A magia dentro do menino acendeu em reconhecimento. Ele esticou a mão acima da tina de vidro, instigando a chama a dançar em sintonia.

*Vamos... Vamos...*

Fionn era o Guardiã da Tempestade, quem a ilha havia escolhido para controlar os elementos em nome de Dagda, pelo tempo que sua mente e seu corpo fossem capazes. Era quem comandaria a terra, o vento, o ar e o fogo só com o pensamento.

Deveria ser fácil. *Deveria ser simples.*

Ele rangeu os dentes, movimentando os dedos da maneira que o avô ensinara. *Vamos.*

A chama o ignorou.

Seu rosto começou a coçar.

*Cresça*, implorou ele com a força do pensamento. *Dance.*

A magia soluçou em seu peito, quase derrubando o garoto.

Fionn baixou o braço e deu um suspiro.

A sala de estar voltou a ficar nítida e, quando ele se deu conta, o avô estava ao seu lado.

— Um dia vai funcionar, rapaz.

— Já faz cinco meses.

— Talvez ainda leve mais um.

— Eu não tenho mais um!

— Até onde sabemos, a Morrigan pode estar blefando — disse o avô, pouco convincente. — Tentando assustar você, só pela diversão. Tentando mexer com a sua cabeça!

— Ela já mexeu com a minha cabeça, vô. Preciso aprender a controlar minha magia. *Agora.*

O avô franziu a testa, encarando o sanduíche.

— Não foi assim comigo... Nem era preciso tanta concentração, na verdade...

Ele olhou em volta, para as velas que ocupavam as prateleiras do cômodo, a magia do Guardião da Tempestade. Anos de magia, produzida e engarrafada. A mesma magia que corria no sangue de Fionn.

— Você pode tentar acender uma...

A expressão de Fionn interrompeu a ideia do avô.

— A última vez que tentei usar a magia das velas, eu vomitei e desmaiei — lembrou o garoto. — Eu já sinto a magia correndo no meu corpo todo. Só não faço ideia de como desencadear...

O olhar de Fionn foi atraído para a estante atrás de seu avô. A mesma estante sobre a qual ele passou a noite anterior debruçado, contando incansavelmente as colunas de cera, nome após nome, pavio após pavio, até ceder a um sono irregular. Toda noite ele a estudava minuciosamente, como um general catalogando seu arsenal, enquanto sua própria arma seguia engasgada em suas veias.

Havia algo de errado com a estante naquele momento.

No meio dela, onde um conjunto de nevascas disputava espaço com pores e nasceres do sol, havia uma lacuna praticamente imperceptível. Entre *Saoirse*, que significava “liberdade”, e *Suaimhneas*, “paz”, Fionn deu falta da vela *Chuvas primaveris de 2008*.

O garoto atravessou a sala em três longos passos, enfiando os pés dentro dos tênis sem nem mesmo desamarrar os cadarços.

O avô o seguiu com o olhar, mastigando o sanduíche.

— Aonde você vai com tanta pressa?

Fionn vestiu um casaco rapidamente e puxou seu gorro de lã sobre as orelhas.

— Fomos roubados!

— Minha nossa. Roubaram o quê?

Fionn lançou um olhar desafortado para o avô.



— Acho que você sabe exatamente o que roubaram. E também sabe quem roubou, inclusive.

O avô enfiou o resto do sanduíche na boca de uma vez só, parecendo um baiacu de bochechas inchadas, farelos espalhados nos seus lábios, e então apontou para o próprio rosto como se dissesse: *Não posso falar agora, estou de boca cheia.*

Fionn abriu a porta da casa, e o inverno entrou como um vendaval, soprando seus fios de cabelo pretos descobertos pelo gorro.

— Temos que *preservar* elas! — disse o garoto com raiva, antes de bater a porta e sair correndo pelo caminho do jardim.

O portão se abriu para ele, e os arbustos, esqueléticos sem a folhagem do verão, estalaram em despedida. Um toldo de nuvens cobria o sol ascendente. Fionn podia ver o bando de corvos habitual patrulhando o promontório, obrigando as gaivotas a voltar para o mar. O vento gélido assobiava à sua volta, abafando os gritos distantes dos pássaros, limpando a trilha de pedrinhas e inclinando as flores em reverência enquanto o garoto descia o promontório em direção à praia.

De imediato, ele viu o redemoinho. Ali estava, em plena vista de quem quisesse olhar, a magia do Guardião da Tempestade, saltitando e dançando ao longo da costa. A água girava em círculos, criando espuma nas bordas como uma batedeira. Quanto mais tempo Fionn observava, mais a espuma crescia.

Ele pulou a mureta e seguiu em frente, caminhando na areia.

— Ei! Para com isso!

Na beira da água, a irmã de Fionn se virou para ele. Uma das suas mãos estava esticada para o redemoinho, enquanto a outra segurava uma vela turquesa que queimava de cabeça para baixo, se consumindo de dentro para fora.

— Oi, trouxa — disse ela, com um amplo sorriso. — O que você veio fazer aqui?

Fionn marchou na direção da irmã.

— Já te falei mil vezes pra você não desperdiçar as velas!

— Estou *praticando* — rebateu ela, virando-se de volta para o mar. Seu rabo de cavalo golpeou o vento, que fazia balançar o casaco de inverno.

— O vovô disse que eu podia, então sossega o facho.

— Não é o vovô quem decide, sou eu! — exclamou Fionn. — Apaga!

A risada de Tara se espalhou para todos os lados.

— Você é tão *dramático*!

— Disse a garota que ficou de vigília quando o Bartley Beasley voltou pro continente!

Ela lançou um olhar fulminante para o irmão.

— Você sabe que eu ainda não estou pronta pra falar disso!

Fionn puxou a garota pelo braço.

O redemoinho enfraqueceu.

— Me larga! — rosnou Tara, sacudindo o braço. — Estou me concentrando!

— O sol já vai nascer! Todo mundo vai te ver aqui! — Fionn olhou por sobre o ombro. Uma senhora idosa com um xale cinza caminhava na beira da areia. — Tá vendo?!

— Deixa de ser paranoico — respondeu ela, sequer se dando o trabalho de olhar. — Você *sempre* vem aqui. Só está com medo de verem como eu sou muito melhor do que você nisso. De verem como as ondas me *obedecem*. E aí todo mundo vai começar a se perguntar da *sua* magia. Por que será que ninguém nunca viu? Ahh. A irmã do Guardiã... talvez comecem a dizer que a ilha devia ter me escolhido. — Ela apertou os lábios, satisfeita, certa de que havia metido o dedo na ferida. — E talvez tenham razão.

— Não — respondeu Fionn, prontamente. — Você é só uma idiota que tá acabando com o nosso arsenal como se fosse um saquinho de jujubas, porque é incapaz de pensar em outras pessoas, além de si mesma! — Sua respiração estava tensa. — Se você tivesse mais de dez neurônios, perceberia isso.

Tara ergueu a cabeça.

— Eu tenho um *monte* de neurônios. Sempre ganho do vovô no jogo de palavras cruzadas.

— Então, prova — desafiou Fionn, olhando novamente por sobre o ombro. A senhora havia sumido. — Apaga a vela.

— Tá bem.

Tara esmagou o que restava da vela em sua mão e, com a outra, acenou na direção do irmão. O redemoinho saltou do mar e, em uma enxurrada congelante, deu um caldo em Fionn, encharcando seu gorro e descendo por suas roupas até que água gelada escorreu pela boca das calças,

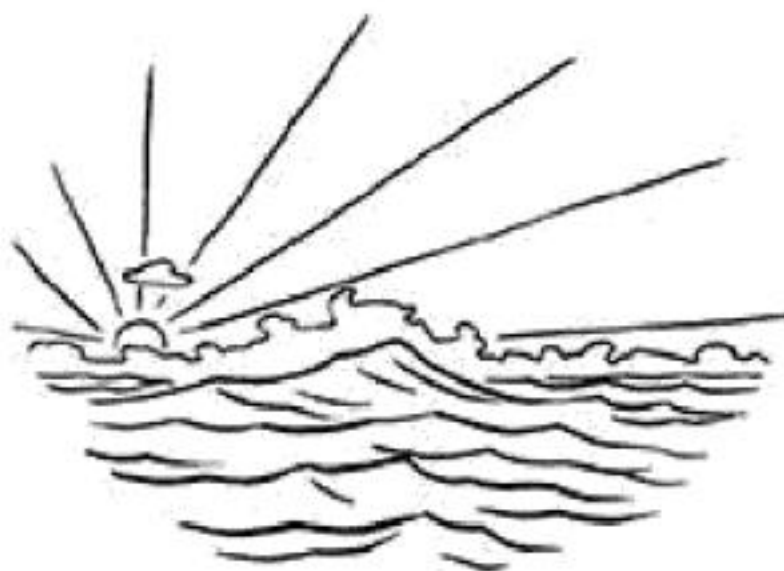
formando poças na areia.

— Feliz agora? — disse ela, com um sorriso malicioso.

Fionn olhou feio para a irmã, suas palavras passando violentas por entre os dentes que não paravam de tremer:

— Quem dera eu pudesse enterrar  *você*  debaixo de uma pedra por toda a eternidade.

— Pode tentar — respondeu ela, andando de costas. — Eu voltaria em menos de uma semana.



## CAPÍTULO DOIS

# A ONDA PODRE

**U**ma hora depois, Fionn se encontrava do lado de fora da lojinha de esquina do Donal, olhando ainda furioso para o seu chocolate quente. A luz do sol abriu caminho entre as nuvens, trazendo consigo um frio congelante que se alojou entre os seus dedos do pé e se agarrou à ponta de seu nariz. À sua volta, seus colegas estavam agasalhados com cachecóis, gorros e casacos pesados de inverno, as mochilas sacudindo e batendo nas costas enquanto eles conversavam animados na orla. Era o último dia de aula antes das férias de fim de ano, e havia uma leveza no ar.

Fionn mal reparou. Estava ocupado demais, concentrado no marshmallow em seu copo.

*Faz alguma coisa. Qualquer coisa.*

*Ele rangeu os dentes, sequer piscando os olhos.*

*Me dá uma bolha. Só uma bolhinha.*

*Sua visão começou a ficar embaçada.*

*Vamos. Vamos. Vamos.*

Uma buzina soou à distância, fazendo o garoto dar um salto. Fionn jogou fora o copo e girou o pescoço para os dois lados, piscando para as

lágrimas caírem dos olhos. Adiante, a balsa da manhã se aproximava do porto.

Ele piscou novamente, desta vez confuso. Não havia uma balsa, mas duas. A segunda deslizava na água no rastro da primeira.

Fionn franziu a testa. Durante todos esses meses morando em Arranmore, ele nunca tinha visto uma balsa tão lotada, muito menos duas. Começou a andar na direção da praia, quase esbarrando nas irmãs Agüero. Cada uma desviou para um lado, jogando seus cabelos pretos idênticos afrontosamente enquanto caminhavam na direção de Tara, que esperava no portão da escola. A irmã trocou olhares com ele, e então deu algumas batidinhas no pulso, como se dissesse: *Anda logo, trouxa. Você vai se atrasar.*

Fionn ignorou o gesto, dando as costas e se dirigindo para o píer. As balsas estavam lotadas de passageiros. A maioria amontoadas no convés, os ombros colados uns nos outros, espremidos como sardinhas enlatadas. Quando a buzina da segunda balsa soou, todos se viraram ao mesmo tempo, completamente atentos. Aquela imagem era sinistramente familiar: o mar de rostos estranhos se movendo silenciosamente na água, todos com olhos grandes e arregalados.

*Caçadores de almas.*

Horrorizado, Fionn observou em silêncio a primeira balsa atracar. Uma onda se formou embaixo dela, crescendo e espumando conforme galopava na direção da praia.

Ela vinha carregando um cardume de peixes podres. Eram tantos, que Fionn podia ouvir, de onde estava parado, os peixes sendo jogados contra a areia. Podia até mesmo ver suas tripas, olhos pegajosos e escamas manchadas formando uma pilha cada vez maior, a cada nova onda.

Ele ouviu um grito vindo da praia. Douglas Beasley disparou para fora dos correios com um pacote debaixo do braço e Donal apareceu na porta de sua loja, o cabelo flutuando sobre sua cabeça como uma nuvem. Na frente da escola, as conversas foram encerradas. Os adolescentes agora esticavam o pescoço, curiosos.

As ondas podres continuavam quebrando, os peixes mortos intoxicando o ar com um forte cheiro fétido.

Fionn cobriu a boca com a manga do casaco para segurar a ânsia de vômito, mas, quanto ao pânico, não havia o que fazer. O pavor aumentou